

# **Sobre as feras da reprodução no mundo indígena: nota breve**

**Rafael J. de Menezes Bastos<sup>1</sup>**  
Universidade Federal de Santa Catarina

**Resumo:** A partir dos finais do século XIX, deu-se um paulatino avanço do universo da reprodução das coisas do mundo, produzido pela fotografia, pelo cinema e pela fonografia, suas principais máquinas, existentes em diversos tipos, marcas e modelos. Outras máquinas foram entrando em jogo, assim como a internet. De acordo com os indígenas, isso sempre provocou um grande perigo, hoje apenas por um delicado fio domesticado. O presente estudo aborda o horizonte tão somente indígena referente às terras baixas desta situação, privilegiando as noções de aura, reprodução e suas correlatas. Trabalha também o perigo embutido na reprodução, por ora somente domesticado.

**Palavras-chave:** Terras Baixas da América do Sul; Escola de Frankfurt; reprodução; aura; estados de humanidade e ferocidade.

<sup>1</sup> Professor Titular de Antropologia, aposentado, voluntário na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Muito obrigado a Silvia de Oliveira Beraldo e Izomar Lacerda pela leitura e sugestões. Sou o único responsável pelo texto.

# About the beasts of reproduction in indigenous world: a brief note

**Abstract:** Since the ends of the XIX century, a gradual advance of the reproduction of the things of the world has happened in the Indigenous world, produced by photography, movies and phonographic recording, its main machines, in various types, marks and models. Other machines have entered in action in the process, as well as the internet. According to the Indigenous peoples in the region, this fact always has provoked a peril, now only domesticated. The present study approaches exclusively the Indigenous horizon concerning this situation, taking as main points of study the notions of aura, reproduction and related ones. It also approaches the perils the reproduction takes inside itself, presently in jail.

**Keywords:** Lowland South America; Frankfurt School; reproduction; aura; states of humanity and fierceness.

## Acerca de las bestias de la reproducción en el mundo indígena: una breve nota

**Resumen:** Desde finales del siglo XIX, un crecimiento gradual de la reproducción de las cosas en las tierras bajas de América del Sur viene siendo provocado por la fotografía, el cine y la fonografía; sus principales máquinas, en muchos tipos, marcas y modelos. Hacia finales del siglo XX, otras máquinas entraron en acción, así como la internet. De acuerdo con los indígenas, este hecho siempre fue considerado peligroso, aunque ahora haya sido domesticado. Este artículo estudia el lado indígena de la cuestión, con especial interés por las nociones de aura, reproducción y otras emparentadas. También tiene como objeto los peligros de la reproducción y de su encarcelamiento.

**Palabras-clave:** Tierras Bajas de la América del Sur; Escuela de Frankfurt; reproducción; aura; estados de humanidad y bestialidad.

O universo da multiplicação das coisas, conforme elaborado pela Escola de Frankfurt (ADORNO e HORKHEIMER, 1985; BENJAMIN, 1969), tem uma presença cada vez mais forte no mundo. Pretendo brevemente retomá-lo aqui, enfocando em especial as noções de reprodução, aura e correlatas, limitando-me agora – já que antes da presente abordagem da temática esta era bem mais geral<sup>2</sup> –, porém, tão somente ao mundo indígena. Explico: como etnólogo, essas noções, assim como o referido universo como um todo, têm constantemente me perseguido pelo menos desde 1969, quando estive pela primeira vez entre os indígenas Kamayurá, xinguanos de língua Tupi-Guarani, na época com uma população de cerca de 150 pessoas, dividida em duas aldeias<sup>3</sup>. Então, conforme apontei em meu artigo (MENEZES BASTOS, 2021), as técnicas de reprodução (BENJAMIN, 1969) eram consideradas extremamente perigosas pelos indígenas, “entronizando o mundo da cópia como simulacro, lugar absurdo de encontro da plena similitude com a completa diferença em relação ao idêntico” (DE-LEUZE, 1968).

Recordo que nesse artigo de 2021 estudei as flautas sagradas nas terras baias da América do Sul, tomando as xinguanas, especialmente aquelas dos indígenas Kamayurá e Wauja (também conhecidos como Waurá, de língua Aruaque), como foco principal. Um dos interesses centrais do texto foi aquilo que chamei de antropologização do mundo, estado de coisas que aponta a inversão da primordial hegemonia dos espíritos *mama'e* face aos humanos. Lembro que no princípio dos tempos para os Kamayurá, conforme a respectiva mitologia, o universo era dominado pelos citados espíritos, os humanos sendo submetidos a eles, vivendo na escuridão, sem fogo – sua comida era crua – e na penúria, em um patamar inferior do universo<sup>4</sup>.

A luz – roubada dos urubus – surgiu por obra dos gêmeos Sol e Lua, mestres do xamanismo xinguano e filhos antropomorfos de Onça e das também antropomorfas Mulheres de Pau, geradas por encantamento pelo demíurgo. A partir deste cataclismo, os referidos espíritos criaram as flautas sagradas como máscaras com as quais buscaram se proteger da luz, que os queimavam. Os *mama'e* passaram, então a ocupar os patamares inferiores do universo. Aí está a antropologização do mundo, a partir da qual as flautas sagradas passam a ser, para os humanos (homens e mulheres) e espíritos, objeto de poder absolutamente vital, o controle de seu interdito visual sendo um sintoma disto<sup>5</sup>.

Sempre em expansão, hoje esse universo, como eu disse no mesmo texto (MENEZES BASTOS, 2021), foi domesticado. A partir disto se descortinou a ocorrência, não somente entre os xinguanos como também entre muitos outros

<sup>2</sup> Conforme, por exemplo, meu texto Menezes Bastos (2019).

<sup>3</sup> Veja Kamaiurá e Kamaiurá (2023) para um estudo feito por indígenas do próprio grupo que inclui considerações sobre parte da minha trajetória e de vários colegas, entre eles.

<sup>4</sup> Vale acrescentar que o artigo também explora a ideia de Pierre Clastres de “contra”.

<sup>5</sup> Os trabalhos de Barcelos Neto 2008, Mello 2005 e Piedade 2004 foram de importância estratégica para a elaboração dessa concepção que chamei de antropologização do mundo.

grupos indígenas das terras baixas da América do Sul, de um número significativo de festejados artistas do campo das artes, muitos deles sendo considerados de primeira linha pelo público. Do cinema às artes plásticas, música, teatro, literatura e outras. Não cabe citar nomes. O que se passou de 1969 para cá? Responder a essa pergunta na sua completude não é minha possibilidade. Limo-me a considerar alguns pontos fundamentais.

Recordo que as principais máquinas de reprodução em uso em 1969, as de fotografia e cinema e o gravador fonográfico, todas em tipos, marcas e modelos muito diversos, tinham presença entre os Kamayurá, no Alto Xingu e nas terras baixas em geral há muito tempo então – muito antes, pois, de 1969 –, usadas inicialmente apenas por não-indígenas, posteriormente também por indígenas. Vale também esclarecer que falar de domesticação das referidas máquinas não significa dizer que os perigos que elas pareciam trazer, sempre segundo os indígenas, tenham sido extintos. Não, muito pelo contrário, eles persistiam no mundo, estando por enquanto apenas encarcerados.

Quanto à fotografia, ela vem sendo usada na região desde os finais do século XIX por não indígenas – especialmente pelos vários naturalistas que seguidamente incursionaram na região –, conforme se pode verificar nos clássicos de Karl Von den Steinen (1886, 1894), que contém um número significativo de fotos feitas com base em ilustrações pictóricas<sup>6</sup>. Posteriormente e de maneira paulatina, os indígenas das várias regiões das terras baixas passaram também a usá-la.

Quanto à gravação fonográfica, desde aquelas feitas com imensos aparelhos de cilindros e fios, e outras, ela foi empregada por primeiro no Brasil por Edgar Roquette-Pinto – o pai da radiofonia brasileira – em 1912, entre os indígenas Pará e Nambiquara, na Serra do Norte, no Mato Grosso (ROQUETTE-PINTO, 1919; PEREIRA, 2009), e no noroeste da Amazônia (no Brasil e Venezuela) por Theodor Koch-Grunberg em 1911-13, envolvendo indígenas Baniwa, Desana e Tukano (MONTARDO, 2005). O cinema, por outro lado, tem sua data mais antiga nas terras baixas da América do Sul em 1916 com o clássico *Rituais e festas Bororo*, filmado pelo hoje célebre major Luiz Thomaz Reis (1879-1940), da Comissão Rondon<sup>7</sup> (QUEIROZ, 2017; CAIUBY *et al.*, 2017).

Entre os Kamayurá assim como entre outros grupos xinguanos e não xinguanos, nos anos 1940, a pouco conhecida, mas muito importante Equipe Etnográfica do antigo Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais (SPILTN)<sup>8</sup>, sob a direção de Nilo Velozo, fez filmes de sumo interesse (veja Velozo, 1944)<sup>9</sup>. Por fim, ainda no cinema, a produção de Heinz Foerthman é de funda importância, conforme evidenciam os seus clássicos “Kuarup” (1962) e “Jornada Kamayurá” (1966) (veja LABAKI, 2015).

A noção de *aura*, que Benjamin toma emprestado do mundo religioso católico, literalmente dos santos, aponta para o avesso da reprodução, ou seja, a autenticidade, ou unicidade, tipicamente da obra de arte na era Romântica. O eco da filosofia de Spengler aqui é evidente, conforme tratei em trabalhos anteriores (veja especialmente o meu texto de 2019), onde salientei a equação do artista no Romantismo – mas, note-se, apenas aí no chamado Ocidente, pois, por exemplo, no Barroco isto não faria o menor sentido – com o Deus criador *ex-nihilo*, ou seja,

<sup>6</sup> Este artigo estava em situação de edição final quando chegou às minhas mãos o texto de Lucas (2023), trazendo importantes dados acerca do álbum de fotografias de autoria do fotógrafo alemão Alberto Frisch, que esteve entre os Miranha na segunda metade do século XIX. As fotos do álbum foram feitas no Alto e Médio Solimões, tornando-se as primeiras imagens da Amazônia.

<sup>7</sup> Obrigado a Milton Gurani por esta dica.

<sup>8</sup> SPILTN, este nome do antigo SPI é uma verdadeira pérola para o intérprete.

<sup>9</sup> Veloso filmou, entre outras cenas, as escaramuças envolvendo os indígenas Suyá e os Kamayurá, nas quais os primeiros alcançaram simplesmente as cercanias da aldeia Kamayurá, perto do santuário da Lagoa Ipavu (Menezes Bastos, 1995).

criador a partir do nada. A essência da aura é a de que aquilo que a detém, é absolutamente único, não admitindo, assim, cópia alguma. Daí decorre inclusive o seu valor de culto. Quando esta essência é perdida ele torna-se um simulacro, isto é, uma imitação, falsidade. Aí está afinal o perigo da reprodução, tornada possível, como dito, pelas suas máquinas, aprisionadoras – sim, pois elas são como se fossem caixas fechadas - da alma (*ang* em Kamayurá) e da linguagem (*ye'eng*), conforme analisei em profundidade em meu citado texto (MENEZES BASTOS, 2021).

Os indígenas Kamayurá e xinguanos em geral chamam, no português de contato, de *paraguai* o objeto falso, tido como de baixa qualidade<sup>10</sup>. Tudo se passa com as coisas *paraguai* dos xinguanos como se elas fossem escancaradamente de mentira, daí a sua qualidade suspeita. Sugiro que a noção Benjaminiana de *aura* é parenta desta indígena, de *paraguai*. Aí está o perigo dessas coisas, suplantado – sempre tentativamente, vale sempre dizer – pela domesticação. Quer dizer, segundo os indígenas, os humanos vivem constantemente sob o perigo da falsidade, salvos por um delicado fio, pois as feras da reprodução, equacionadas com os/as *miyat*, ‘feras’, em Kamayurá, são monstruosas por excelência, mergulhadas no incesto, esta sendo a sua principal característica em relação aos humanos.

Elas, entretanto – como já dito –, estão hoje encarceradas, presas, embora não tenham sido eliminadas. Evidentemente que elas não são humanas (embora muito façam por parecer): observe-se que elas mantêm relações sexuais, casam-se com os/as irmãos/irmãs e outras monstruosidades: *MiyaraPa!*, ‘Feras, que horror!’, diz-se em Kamayurá. Vale sublinhar que o perigo a que me refiro, para os indígenas, é o de eles virem a perder a humanidade, tornando-se, assim, feras.

Mas não foi somente tudo isso que se passou nesse intervalo de tempo. A impressão que muitas vezes somos levados a ter é que o indígena durante esse tempo “ascendeu” aos cenários nacionais e internacionais. Será? O que serão mesmo esses tais cenários? Superiores? A quais outros cenários? Sugiro que o universo da internet e, neste, o das chamadas redes sociais são a sua casa, o seu meio.

É evidente que isso a que chamei de “ascensão” não diz respeito somente aos indígenas. A internet e suas redes são absolutamente totalitárias, não deixando escapar ninguém, de cabo a rabo. Quer dizer, nesse intervalo de tempo os indígenas – assim como também todos os não-indígenas, sejam eles brancos, negros, asiáticos e os demais -, além da vida local, passaram a viver também em outros planos, dos mais regionais aos mais globais.

Isso trouxe mudanças mais ou menos profundas para todos, criando cenários antes inexistentes – assim como eventualmente apagando outros -, o próprio universo da multiplicação das coisas também tendo aqui sofrido muitos impactos. O ponto crucial dessas mudanças no que diz respeito aos interesses do presente texto é que os indígenas se tornaram atores globais no mundo, povoando cada vez mais suas artes (a música, as artes plásticas, a literatura, o teatro e outras), as ciências (a filosofia, as ciências sociais, a biologia, a história e outras), a política, a academia e tudo o mais. Mais uma vez, não citarei nomes, dizendo apenas que muitos desses indígenas são tidos pelo público como tendo nível de excelência.

<sup>10</sup> A referência ao Paraguai, ao país, aqui é evidente. Segundo essa ótica indígena, ali se encontraria o lugar de compra de importados tidos como de baixa qualidade.

Recebido em 10 de junho de 2024.  
Aceito em 8 de julho de 2024.

## Referências

- ADORNO, T.W.HORKHEIMER. M. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985 (1947).
- BARCELOS NETO, Aristóteles. *Apapaatai: Rituais de Máscaras no Alto Xingu*. São Paulo: EdUSP. 2008.
- BENJAMIN, Walter. “A Obra de Arte no Tempo de suas Técnicas de Reprodução”. In: VELHO, Gilberto (org.). *Sociologia da Arte, IV*. Rio de Janeiro: Zahar, 1969 (1936). pp. 15-47,
- CAIUBY NOVAES, Sylvia e CUNHA, Edgar Teodoro da e HENLEY, Paul. The first ethnographic documentary?: Luiz Thomaz Reis, the Rondon Commission and the making of rituais e festas Borôro (1917). *Visual Anthropology*, 30 (2): 105-46, 2017.
- DELEUZE, Gilles. *Différence et Répétition*. Paris: Presses Universitaires de France, 1968.
- LÖSCHNER, Renate. *As ilustrações nos livros de Viagem de Karl Von den Steinen*. Biblioteca Digital Curt Nimuendajú, Coleção Nicolai, 1993.
- LUCAS, Maria Luísa. Imagens de Selvageria e Civilização: Os Miranha e as Fotografias de Albert Fritsch. *Anthropológicas*, 34 (1): 101-30, 2023.
- KAMAIURÁ, KANAWAYURI e MAYARU. Arquivo Kamayurá: pesquisa, documentação e transmissão da memória. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Ciências Humanas*, 18 (1): 1-10, 2023.
- LABAKI, Amir. *Os Cem anos de Heinz Forthman*. São Paulo: ISA, Instituto Socioambiental, 2015.
- MELLO, Maria Ignez Cruz. *Iamurikuma: Música, Mito e Ritual entre os Wauja do Alto Xingu.*, Tese (Doutorado em Antropologia Social), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.
- MENEZES BASTOS, Rafael J. de. Indagação sobre os Kamayurá e outros Nomes e Coisas: Uma Etnologia da Sociedade Xinguara. *Anuário Antropológico*, 19 (1): 227-69, 1995.
- MENEZES BASTOS, Rafael J. de. *A Festa da Jaguatinica: Uma Partitura Crítico-Interpretativa*. Florianópolis: Editora da Universidade Federal de Santa Catarina. 2019.

MENEZES BASTOS, Rafael J. de. Sobre as flautas sagradas xinguanas e a antropologização do mundo. *Revista de Antropologia*, 64 (2): e186653. 2021.

MONTARDO, Deise Lucy O. Koch-Grunberg, Theodor. Dois anos entre os indígenas: viagens ao noroeste do Brasil (1903-1905). *Cadernos de Campo* 16: 261-265, 2007.

PEREIRA, Edmundo. *Rondônia 1912, gravações históricas de Roquete-Pinto*. Rio de Janeiro: Museu Nacional (Petrobrás), 2009.

PIEDEADE, Acácio Tadeu de Camargo. *O Canto do Kawoka: Música, Cosmologia e Filosofia entre os Wauja do Alto Xingu*. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.

QUEIROZ, Christina. Bororo na Tela. *Pesquisa FAPESP*, 255: 80-85, 2017.

ROQUETTE-PINTO, Edgar. *Rondonia*. 2<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1919.

SCHADEN, Egon. Karl von den Steinen e a Etnología Brasileira. In: *Anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas*. São Paulo, vol. 11, 1955.

STEINEN, Karl von den. "Expedition zur Erforschung des Schinguim Jahre 1884". In: *Durch Central-Brasilien*. Leipzig: Brockhaus. 1886.

STEINEN, Karl von den. "Reiseschilderung und Ergebnisse der zweiten Schingu-Expedition 1887-1888". In: *Unter den Naturvoelken Zentral-Brasiliens*. Berlin: Dietrich Reimer. 1894.

VELOZO, Nilo de O. *Relatório apresentado ao SPILTN*. Manuscrito, 1944.

VOLUME 12  
NÚMERO 28  
(JAN./ABR.2025)

**ACENO**  
REVISTA DE ANTROPOLOGIA DO CENTRO-OESTE  
ISSN: 2358-5587

## CHAMADA DE ARTIGOS

DOSSIÊ TEMÁTICO:

ANTROPOLOGIAS DOS DESERTOS:  
ECOLOGIAS, POVOS E COSMOLOGIAS  
ENTRE OS VAZIOS E AS ABUNDÂNCIAS  
DE UM MUNDO EM TRANSFORMAÇÃO

COORDENADORXS:

DRA. ANTONELA DOS SANTOS (UBA/CONICET)  
DR. GABRIEL RODRIGUES LOPES (UFS)  
DR. PEDRO EMILIO ROBLEDO (UNC/CONICET)

PRAZO FINAL  
DE SUBMISSÃO:  
30 DE JANEIRO  
DE 2025

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - Universidade Federal de Mato Grosso

VOLUME 12  
NÚMERO 29  
(MAI./AGO.2025)

**ACENO**  
REVISTA DE ANTROPOLOGIA DO CENTRO-OESTE  
ISSN: 2358-5587

## CHAMADA DE ARTIGOS

DOSSIÊ TEMÁTICO:

MÍDIAS DIGITAIS E SUAS  
IMPLICAÇÕES NA VIDA COTIDIANA:  
CONTRIBUIÇÕES ANTROPOLÓGICAS

PRAZO FINAL  
DE SUBMISSÃO:  
30 DE ABRIL  
DE 2025

COORDENADORXS:

DRA. CAROLINA PARREIRAS (USP)  
DRA. LARA ROBERTA RODRIGUES FACIOLI (UFPR)

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - Universidade Federal de Mato Grosso